

99 A  
VF, Le Refuge des violettes,  
rue de la Caoune, (Vieux Village),  
F<sup>84449</sup> 84449 Robion.

Londres, 12/1/81

Meu caro amigo Milton,

tua carta de 18/12 ficou sem resposta, por estarmos ocupadíssimos com a mudança para Robion, e por termos a Dinah conosco. Simultaneamente mergulhei no Octopus, o qual está sugando meus pensamentos. Concentro-me sobre espécie *Vampyrotheutis infernalis*, (vampiro infernal dos abismos), que você encontrará na tua Encyclopaedia Britannica. De modo que responderei apenas um único ponto levantado em tua carta: o da "objetividade científica". O cientista e técnico do qual você fala, e o qual julga perigosa a politização e estetização, (isto é: existencialização) da sua disciplina, é duplamente iludido. É iludido por supor que a valoração ética e estética é movimento externo ao conhecimento e ao fazer, que pode ou não ser "agrescida" ao conhecimento e ao fazer, quando, na realidade, todo conhecimento e toda fazer estão desde já informados pelos valores, ou não poderiam existir. É iludido por não se dar conta que sua negação dos valores resulta, na realidade, na afirmação dos valores da classe dominante, em função da qual conhece e age. Calcular represas ou programas de computação, construir fábricas ou estradas, e até teorias biológicas ou astronómicas, é atividade política e estética, e torna-se atividade política e estética "opressora", se não estiver iluminada pela consciência política e estética de quem a executa. Como os cientistas e técnicos honestos não mobilizam tal consciência, tanto a ciência "pura" como a técnica "funcional" vão se tornando, atualmente, atividades des-humanizantes. E despertar a consciência política e estética do cientista e técnico é uma das tarefas mais urgentes com as quais o intelectual, (filósofo, crítico, ensaísta, que saís-je), se confronta.

Tudo isto procuro articular em parte do meu ensaio Pos-história que anexo a esta carta. Faço o segundo apelo à amizade que nos une: Leia a coisa com cuidado. Critique impiedosamente, e me mande tua crítica o mais depressa possível. Submeta a Duas Cidades, (ou outra editora), para que seja publicado. E, finalmente, procure publicar os ensaios individuais em revistas ou jornais competentes. Sei que tais exigências minhas são invasões do teu tempo, da tua energia, e da tua maneira de ver as coisas. Você descobrirá, aliás, por entre as linhas do texto, o fio do argumento que vamos tecendo há tantos anos. Você está presente no texto, tal como te percebo, ora como aliado, ora como contestador das posições que defendo. É a você que pretendo dedicar o ensaio, mas não sei ainda como formularei a dedicação: talvez sob a forma goetheana ".und mit ihm genießt, was von Menschen nicht bewusst, oder nicht bedacht, durch das Labyrinth der Brust wandelt in der Nacht", (e com ele goza aquilo que, ignorado ou irrefletido pelos homens, permeia o labirinto do peito na noite).

Que 1981 seja ano que permite a ti e aos teus realizar alguns dos desejos, e não traga sofrimentos, e que seja ano no qual nos possamos reunir em saúde e paz. Um grande abraço da Edith e meu.